2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1848. **N.º 4.**

CONHECIMENTOS UTEIS.

Industria Nacional.

I.

51 A FÉ que temos na regeneração de Portugal, por meio do desinvolvimento dos seus interesses economicos, augmenta progressivamente, ao passo que o fructo do desengano vae surgindo de annuncios esperançosos, que ha pouco ainda viamos em flor.

Ao cabo de alguns annos de entorpecimento, as forças vitaes do paiz começam a ter uma existencia proficua e verdadeiramente vivificante. Para que este convencimento se apodere do animo de todos, basta olhar para essas duas arterias por onde, com mais abundancia, se vê correr a vida de um povo — para a imprensa e para a associação.

Os partidistas da regeneração economica não podem, por emquanto, cantar victoria; mas já lhes é permittido regozijarem-se, vendo os seus desejos convertidos em dogma.

Os differentes partidos politicos, ao lado do symbolo das suas crenças, ao pé do móto da sua bandeira, escrevem algumas palavras que representam idéas vindas do seio da sociedade, vindas do concenso geral de todas as opiniões.

A *imprensa* politica, retrato em que os partidos se mostram com a propria luz do seu pensamento, ha muito que manifesta estas optimas intenções. E quem examinar bem os nossos jornaes n'estes ultimos annos, verá que, atravez d'essas tintas grosseiras e carregadas, com que as discussões pessoaes desfiguram o quadro brilhante da civilisação, se observam traços bem lançados que reproduzem grandes idéas.

Era já tempo que a par dos symbolos e dos mótos se pozesse a instrucção e a vida social de mais de tres milhões de habitantes.

A imprensa não póde bradar muito tempo sem que lhe responda o echo da associação.

Em Portugal assim aconteceu.

A nação balbucia, apenas pelos centenares de boccas da *imprensa*, algumas palavras de salvação; e já experiencias, mais ou menos imperfeitas, d'esse fecundo principio apparecem por varios modos.

Todas as intelligencias estão portanto convocadas para o estudo da nossa vida economica.

Esta nova situação do paiz veio encontrar-nos no campo da imprensa, sem que nos seja possivel ainda comprehender como tivemos animo para ahi entrar.

Acceitaremos o dever imperioso de um estudo, que excede sobejamente as faculdades do nosso entendimento, mas não usurparemos com este facto um logar que nos não compete.

A missão que tomamos é de simples estudo, e ainda assim a temos por exagerada.

Depois que um dos mais distinctos professores da epocha abriu o seu curso de *Economia Politica*, dizendo — que vinha estudar a sciencia com os seus ouvintes, só o arrojo da vaidade ignorante póde subir acima d'estas pretenções.

Nas columnas da Revista, este nosso trabalho representa um dever que por por força se havia de cumprir. O nosso silencio seria um traço na parte mais importante do plano que, ha sete annos, esboçou para este Jornal uma das mais elevadas intelligencias do paiz.

Estas considerações, que, em qualquer occasião, deveriam acompanhar o que ousassemos escrever sobre o assumpto, de que vamos tractar, eram de absoluta necessidade depois dos notaveis artigos sobre os *Interesses Industriaes*, começados a publicar em um jornal da capital, por um dos nossos poucos economistas. Escusamos nomeal-o, porque o seu estylo é assás conhecido entre os da sua limitada classe, e, neste caso, isto basta para o conhecer, pois que o individuo que tem habilitações e merito para ser classificado pela sociedade, não carece de se classificar.

No preito, que por tal modo prestamos a um verdadeiro talento, e a um estudo provado, não ha lisonja, porque sabemos que para tão elevada capacidade ella seria um insulto, e porque não a usamos empregar.

Os artigos, a que nos referimos, representam, em parte, algumas das nossas necessidades economicas, e a julgarmos pelo que tem sahido a lume, a obra da sciencia se levará ao cabo sem que as paixões politicas se mostrem, nem se quer em uma phrase. — É assim, e só assim que em Portugal se devem tractar esses pontos.

Uma hypothese completará o que temos dito. Se o nosso jornal tivesse sido honrado com aquelles artigos, a nossa ousadia ficaria por esta vez, como tantas outras, escondida nos mysterios de um desejo. Apezar do que, e para prova do mui distante que a lisonja anda da nossa penna, ficar-nos-hia na consciencia uma tal ou qual reserva sobre algumas das opiniões ahi contidas, ou pelo menos sobre algumas das suas consequencias. Mas o accidente não altera o fundo de assumptos desta ordem; e como a nossa humilde intelligencia tambem prefere os homens ás coisas, e considera a vantagem da Economia Politica, mais pelo seu lado pratico, do que pelo seu lado especulativo, estamos persuadidos de que rastejando chegará ao ponto alcançado pelò vóo rasgado e forte do pensamento desse economista.

Os interessados na grave questão da — Industria Nacional — tinham direito de esperar — que o principio do nosso trabalho substituisse este preambulo; mas a consciencia não o podia dispensar, e antes queremos parar por hoje aqui, do que truncar o pensamento, que a falta de espaço nos não deixaria hoje desenvolver.

A Industria Nacional teria em nós um dos defensores de que precisa, se o talento fosse egual ao desejo. Não obstante faremos quanto podermos em seu auxilio.

Aurora Boreal.

Depois de publicado o nosso artigo de — *Auroras Boreaes* — recebemos, pelo correio do dia 25, o artigo com que nos honrou o nosso distincto collaborador o Sr. R. Fernandes Thomaz.

Tivemos muita satisfação em ver que o artigo do illustre Professor da Universidade combinava com o que escrevemos. Publicamo-lo não só por devido agradecimento aò auxilio que o Sr. Fernandes Thomaz tem prestado a este Jornal, como tambem porque contém algumas noticias curiosas, as quaes serão lidas com interesse.

52 O admiravel phenomeno da Aurora Boreal, que observámos em a noite de 17 do corrente, e que, segundo cremos, ha muito não apparece em nossas latitudes de um modo tão brilhante, pede que este Jornal lhe consagre algumas linhas d'especial noticia.

Chama-se aurora boreal, ou luz do norte a um clarão mais ou menos vivo, que de ordinario se faz visivel para as partes do norte, semelhando o nascer do sol. É porém este phenomeno tão variavel em todas as suas circumstancias, que não é possivel descrever-se com a desejada precisão.

Tambem se observa no pólo do sul, contra o que a principio se suppunha, e então se chama Aurora Austral, pelo que melhor lhe assentaria o nome geral de Aurora Polar.

A Aurora Boreal nas nossas regiões apparece geralmente alva, espessa e bastante escura para o lado do norte, mas um pouco mais esbranquiçada para o oeste. Esta nevoa toma pouco e pouco a fórma de um segmento de circulo, apoiando-se de ambos os lados sobre o horisonte; a parte visivel da circumferencia, isto é, a parte superior não tarda a cercar-se d'uma luz branca, que torna apparente um ou mais arcos luminosos; succedem-se depois jactos e raios de luz diversamente córados, que partem do segmento escuro, que por vezes se fende em porções mais brancas, o que parece annunciar um movimento de fluctuação em toda aquella massa. Logo que a Aurora se estende forma-se em coróa no zenith, por onde convergem os raios luminosos. Diminue então o phenomeno d'intensidade; mas de tempos a tempos ainda se observam jactos de luz, uma coróa e côres mais ou menos vivas tanto de um como d'outro lado do céu. Cessa finalmente o movimento, chega-se o clarão mais e mais ao horisonte, a nuvem abandona as diversas partes do firmamento e vae fixar-se no norte. O segmento obscuro ao dissipar-se torna-se luminoso; a principio é grande a claridade junto do horisonte, mas vae pouco e pouco affrouxando superiormente até que de todo se extingue na abobada celeste.

A Aurora é algumas vezes composta de dois segmentos luminosos concentricos, tendo as suas extremidades no horisonte separadas por um segmento obscuro, e da terra por um outro egual segmento tambem obscuro. Outras vezes é ella formada por um só arco concentrico symetricamente intrecortado por espaços abertos, atravez dos quaes parece divisar-se um vasto incendio.

Aristoteles, Cicero, Plinio, Seneca e outros escriptores de mais moderna data, citam e descrevem, com mais ou menos fidelidade, o phenomeno das Auroras Boreaes, que, em tempos passados, o terror exagerava como percursores de grandes occorrencias cá na terra.

A côr da Aurora Boreal é de ordinario branca, mas póde variar para amarello, e por vezes ao vermelho. A materia das Auroras não tem sufficiente densidade para enfraquecer sensivelmente a luz das estrellas, que chegam a distinguir-se atravez d'ella, sem que se altere a sua posição apparente.

Podem perceber-se Auroras Boreaes isoladas sobre espaços extensos: tem acontecido o vêr-se a mesma Aurora em toda a Europa septemtrional, e na Italia: a de Janeiro de 1831 foi admirada em toda a Europa central e septemtrional, e pèrto do lago Erié, na America do Norte: d'onde póde concluir-se que uma grande porção do globo tem parte na producção do phenomeno. Muitas vezes acontece haver ao mesmo tempo Auroras em ambos os pólos da terra.

Parece notar-se uma tal ou qual periodicidade annual no seu apparecimento. São mais frequentes no inverno do que no verão, em virtude da maior duração das noites; mas nas proximidades dos equinoxios são ainda mais numerosas, podendo estabelecer-se dois maximos — um em Março, outro em Setembro e Outubro. Além d'este periodo annual ha outro secular sobre que nada se póde dizer com certeza. Tem-se notado que durante certo numero de annos são as Auroras mui frequentes, e que durante outros progressivamente decresce o seu numero para augmentar depois. Assim foi o periodo de 1707 a 1790, cujo maximo foi em 1752, a que se seguiu uma serie de annos em que raras vezes appareceram.

até que tornaram a ser mais numerosas de 1820 para cá.

Duvidou-se antigamente se por ventura este phenomeno era meteorologico ou astronomico; isto é, se pertence á nossa atmosphera, ou se é passado em uma sphera superior a ella. As observações de Biot não deixam porém a menor duvida de que a Aurora Boreal é um phenomeno atmospherico.

Por varias vezes se tem pretendido determinar a altura das auroras pelo mesmo methodo applicado com optimos resultados á determinação das distancias do sol, lua, etc., mas debalde, para o que concorrem diversas causas que escusamos mencionar. Mairan dá-lhes uma altura media de 175 leguas francezas. Bravais calcula de 100.000 a 200.000 metros (25 a 50 leguas). Seja porém qual for a sua altura, é ella consideravelmente sugeita a uma continua variação, até na mesma aurora, como se torna apparente pelas repentinas mudanças que o phenomeno soffre, e pelo progressivo movimento dos seus arcos. Alguns observadores affirmam ter ouvido um som particular durante a Aurora Boreal, comparando-o ao ruido de um estofo de seda que s'enrola sobre si mesmo, outros á crepitação da materia electrica, e outros finalmente ao rumor de um vasto incendio agitado pelo vento. Outros observadores porém nada d'isto teem sentido; e Kaemtz, fallando a este respeito, diz que, além de ser mui difficil explicar a causa de semelhante ruido, é muito natural que elle se tenha confundido com o sibillar do vento, a que nenhuma attenção se presta quando estamos distrahidos por outros rumores diversos, mas que não deixa de notar-se quando silenciosamente contemplamos um phenomeno extraordinario.

A elevação dos arcos *auroraes* quasi sempre se observa do noroeste para o sueste. Hoje passa como facto averiguado a influencia da Aurora Boreal sobre a agulha magnetica. Wargentin em 1750, e antes d'elle Halley e Celsio já a haviam notado. Mas nem sempre se observa, acontecendo ser em um local violentamente agitada a agulha, quando n'outro não dá mostras do mais leve movimento.

De todos os factos observados podemos concluir com grande probabilidade, que a Aurora Boreal é formada por verdadeiras nuvens que geralmente vem do norte, e são compostas de materia extremamente attenuada e luminosa, fluctuando na atmosphera, que frequentes vezes se dispõem em series de linhas ou columnas parallelas á agulha d'inclinação. Qual seja, porém, a natureza d'esta materia não passa actualmente de meras conjecturas.

Sem nos occuparmos portanto das diversas hypotheses de Halley, Cotes, Euler, Mairan, Libes, Biot, etc., diremos simplesmente que a Aurora Boreal é um phenomeno electro-magnetico, que parece inteiramente ligado e dependente do magnetismo terrestre. Faraday pergunta se por acaso a Aurora Polar não será produzida pela descarga da electricidade accumulada nos polos da terra, que por meios naturaes e regulares forceje abrir caminho pela parte superior da atmosphera para as regiões equatoriaes? E pondo de parte as experiencias do mesmo Faraday, que tendem a mostrar a natureza electrica d'aquelle phenomeno, citaremos uma outra mais decisiva communicada por Nott á Associação Britannica para o progresso das Sciencias, em Cork no anno de 1843. Poz elle em rotação um pequeno globo d'aço, passou magnetes do equador para os polos até o magnetisar completamente. Isolou depois o globo, e collocou um arco ou annel tambem isolado á roda da sua região equatorial: poz depois este arco em communicação com o principal conductor da chapa resinosa da sua machina rheo-electrica, e um dos polos do globo com o conductor da chapa vitrea. Logo que a machina entrou em rotação, observou-se uma bella descarga luminosa entre o polo livre do globo e o arco. Em uma atmosphera menos densa via-se um annel de luz, na parte superior brilhante, e na inferior escura; e sobre o annel e na volta do eixo chammas folheadas e divergentes umas por detraz das outras. Emfim Humboldt ainda é mais explicito sobre a causa da Aurora Boreal, quando diz: «O esplendido phenomeno das vivas e córadas luzes do «norte é o acto da descarga e terminação de uma «tempestade magnetica; do mesmo modo que em «uma tempestade electrica a evolução da luz — o re«lampago — indica o achar-se restabelecido o equili«brio perturbado na distribuição da electricidade.»

Póde o leitor consultar Penny Cyclopædia, Lardner's Cyclop, Cosmos by Humboldt, Becquerel, Eléments de Physique Terrestre, Kaemtz, Cour de Meteréologie, etc., d'onde principalmente extractámos.

Coimbra, 19 de Novembro de 1848.

R. Fernandes Thomaz.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.

TEMOS grande satisfação em poder publicar o seguinte artigo, que se refere a um dos mais importantes ramos da nossa industria fabril. Agradecemos ao seu auctor a escolha que fez do nosso Jornal. E aproveitâmos esta occasião para mui explicitamente declararmos — que a REVISTA estará sempre á disposição da Industria Nacional, para tudo quanto possa influir no incremento dos nossos interesses economicos.

Terminaremos juntando os nossos louvores aos do auctor do artigo, pois que sabemos que as pessoas ahi mencionadas merecem a maior consideração e estima pelo zelo e intelligencia, com que teem empregado os seus capitaes na Industria Nacional, tão digna de toda a protecção.

53 A Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, formada em 1838 por alguns amigos da industria nacional, a maioria dos quaes pertence á classe dos mercadores de lençaria, tem já produzido para o Paiz tantas vantagens, que todos folgarão de as ver registadas pela imprensa.

O primeiro estabelecimento d'aquella Companhia foi a S. Sebastião da Pedreira, em uma fabrica cujo motor trabalhava com um boi, e com as pequena

machinas usadas e de systema antigo, que os limitados fundos da Companhia comportavam.

Os felizes resultados obtidos nos primeiros annos animaram os emprezarios a elevar o capital de 40 a 80 contos, a procurar mais amplo edificio, e a montar uma machina de vapor, que effectivamente se estabeleceu no extincto convento do Xabregas; mas o seu desinvolvimento posterior é de tal magnitude, que em breve a industria portugueza terá de vangloriar-se de um estabelecimento poderoso, montado segundo o systema mais moderno e de mais reconhecida vantagem; sendo em grande parte devida esta melhoria a alguns dos mais influentes accionistas da empreza, os quaes, luctando com mil difficuldades, teem sabido desinvolver uma perseverança, que é tanto mais de admirar, quanto é sabido carecerem d'ella em geral os homens emprehendedores do nosso Paiz.

Para satisfação dos que amam as coisas nacionaes, para justo galardão dos que, á custa de trabalhos, vigilias e capitaes, teem sabido dar incremento a empreza tão importante, temos o prazer de annunciar que na segunda-feira 20 de Novembro de 1848, no sitio do Calvario, em presença da Direcção, d'alguns accionistas e amigos da empreza, teve logar a primeira experiencia da nova machina da força de 90 cavallos, que deve fazer trabalhar os diversos e grandes engenhos que comporta a parte da fabrica já construida, a qual, sendo apenas um terço do edificio, é já, pela sua vastidão, solidez, e pela particularidade de ser toda ella de pedra e ferro, tendo só de madeira os caixilhos das janellas e as portas, uma obra monumental, digna de ser vista e tomada para modelo em posteriores estabelecimentos que hajam de elevar-se em Portugal.

A experiencia deixou a todos contentes pelo seu feliz resultado, devido á pericia do digno engenheiro inglez (Mr. Blak), que dirigiu os trabalhos, coadjuvado por artistas e operarios todos portuguezes.

Esperâmos pois de ver mui breve trabalhar em toda a sua força o importante machinismo de tão esperançosa empreza, á qual se deve já a gloria de ter dado o exemplo á formação de novos estabelecimentos fabris, creados por pessoas que contribuiram e tomaram parte na sua primitiva organisação; e são estes: —

O valioso estabelecimento de Fiação, Tecidos e Tinturaria, em Olho de Boi, ao sul do Tejo.

As officinas de Tecidos de algodão, em Alcantara, onde foi a Fabrica do Tabaco; e ambos estes estabelecimentos pertencem á Companhia de que fallamos.

Uma fabrica de Fiação e Tecidos, pertencente ao Sr. Machado, antigo Director da Companhia.

Outra fabrica de Fiação e Tecidos, estabelecida pelo Sr. Araujo, accionista que é ou foi da mesma Companhia.

A fabrica de Fiação e Tecidos de Torres Novas, indubitavelmente originada da empreza de que tractamos.

A grande fabrica de Estamparia, pelo systema de machinas a vapor, estabelecida em Alcantara pelos Srs. Rodrigues Barros & C.ª, que trabalha em grande escala, a qual deve muito ao zelo incançavel do Sr. Pereira Guimarães, bem como aos Srs. Batalha, e Miranda, Directores d'esta Fabrica, e d'outra de Tinturaria, no mesmo sitio d'aquella.

Oxalá que estabelecimentos tão uteis encontrem a protecção de que são dignos, afim de se tornarem pelo seu engrandecimento incentivo a novas emprezas.

L.

Nova caixa para guardar cevada, avêa, etc.

54 De ordinario as caixas, onde a cevada e avêa se guardam nas cavalhariças, appresentam o inconveniente de receberem muita poeira, em consequencia do abrir e fechar; accrescendo mais, que por descuido de se limparem antes de se lhes deitar nova cevada, depositam-se no fim não só a poeira, que suja depois a que se lhe deitou de novo, como immensos vermes que estragam os grãos.

Com o intuito de obviar a este inconveniente, M. Violette, vice-presidente da sociedade de agricultura de Saint Omer, imaginou uma caixa sem estes graves defeitos.

É uma caixa de madeira com quatro pés, munida de uma tampa movel, que termina inferiormente por uma pyramide de tres faces, a modo de tremonha: no fim da face anterior, que é vertical, é praticada uma pequena abertura de cinco centimetros de lado, que se abre ou fecha por meio de uma chapa de zinco, movendo-se verticalmente em uma corrediça. É por esta abertura que sahe o grão. Por esta maneira, nem a poeira nem os vermes podem entrar.

Instrumentos aratorios.

55 A sociedade academica de S. Quintino, na sua sessão de 9 de Outubro do corrente, approvou, depois de o ouvir ler, o relatorio de um dos seus membros sobre varios instrumentos aratorios, que lhe tinham sido appresentados, merecendo especial menção uma charrua construida por M. Pâris, simples operario.

Os instrumentos appresentados eram 5 charruas, 3 grades e 1 escavador.

As qualidades essenciaes d'estes instrumentos são: — serem extremamente simples; exigirem pequeno esforço de tracção; serem faceis de dirigir de modo que se dá aos rêgos a largura e a profundidade requeridas; cortarem bem o terreno; voltarem a terra de baixo para cima; serem dispostos de modo que um só homem basta para o seu trabalho; emfim serem pouco dispendiosos, de duração, e solidos bastante.

O relatorio termina com estas palavras: —

«A vossa commissão pensa: — Que as modificações feitas por M. Pâris á construcção dos instrumentos de cultura são aperfeiçoamentos da primeira ordem: que os seus esforços devem ser tanto mais animados, quanto M. Pâris é um simples operario, entregue aos seus proprios recursos.»

A commissão propõe á sociedade o dar-se a este operario o premio de uma medalha de prata e 100 francos.

PARTE LITTERARIA.

SACRIFICIO HERDADO.

(Continuado do n.º 3.)

56 O OUTONO de 18... começava a doirar as folhas das arvores, e o mez de Setembro já ía em mais de meio, quando principiou o sacrificio de que vou fallar.

Em uma d'essas tardes serenas, que se gozam, mas não se descrevem, a ridente *paizagem*, que em panorama, quasi circular, se estendia para além de um primeiro plano formado por uma campina que se morria no Tejo, se fosse transportada, pelos raios de luz que a alumiavam, para a lamina da *camara-obscura*, traria comsigo a copia das fórmas esbeltas de uma mulher ainda nova, que solitaria vagava por esses sitios.

Para copiar este retrato deixarei de a estar admirando n'essas diminutas proporções, e descreve-la-hei sem exageração de arte nem de palavras.

Estava vestida de branco, e na mão tinha um livro aberto: eram as — *Saudades de Bernardim Ribeiro.* — O porte era nobre e altivo, e quando erguia os olhos para o céu, dir-se-hia que o fogo da inspiração, que lhe ardia na alma, se estava reflectindo n'aquelles espelhos das paixões. Eram olhos portuguezes em cara portugueza. As suas feições não tinham a regulari-ade severa das estatuas gregas; mas o ardente pincel de Murillo poderia tranforma-las, sem cus, em um dos rostos dos seus anjos, engastados em cabellos de ebano, e com um sorriso de gra divina a poisar-lhe nos labios.

A br da tarde enrugava a placida corrente do rio, que era como a vida d'este quadro. As nuvens, que em circulo phantastico principiavam a d ontar no horisonte, ainda deixavam que a vi a, sem se deslumbrar, procurasse, por entre puro azul do céu, essa representação do infi to, que se esconde no seio de Deus. As aves q bravam a melancholica harmonia da corrente o Tejo, saudando o declinar do sol como se fo a aurora de algum dos mais lindos dias de lho.

Quando um home a cavallo appareceu na estrada que vinha de isboa, o livro parecia cahir das mãos da for sura, que a natureza cercava com taes encant

Se alguem, que tal visse, tomasse o acontecido como feliz agoiro de que as saudades íam acabar, ter-se-hia enganado redondamente.

O sol já não estava no horisonte, quando o cavalleiro, depois de entregar o cavallo a um criado, caminhava a pé para uma caza, que ficava retirada do povoado que se avistava ao longe, levando em sua companhia a mulher que o estava esperando.

Ia distrahido, e com o olhar anuveado por máus pensamentos; e ella, entre a anciedade e a esperança, desejava encontrar o que se passava na alma do homem por quem se julgava amada.

O livro ainda estava aberto, e, pendendo para a terra, era sustido pela mão que por si se desfalecêra de ao pé do peito.

Ao passarem por uma arvore frondosa que pouco distava da caza, os echos que por alli houvessem podiam repetir este breve dialogo:

— «Olha para este confidente dos nossos amores, e deixa ahi o condão que te está encadeando a alma.»

— «Não te ouvi.»

— «Bem sei... se não pensavas em mim; mas tambem não quero que me oiças... Lê... foi a tua mão que abriu alli o retrato do meu viver, copiando aquella oitava do teu poeta.»

E o livro das *saudades* apontando ao mesmo tempo para as primeiras linhas da oitava de Camões:

> Estavas, linda Ignez, posta em socego,

correu depois por todas as linhas e veio a parar na ultima, ficando sobre estas palavras:

> O nome que no peito escripto tinhas.

— «Estará ainda o meu nome escripto no teu peito!»

— «Deixa-me com essas phantasias desvairadas, eu venho hoje fallar-te serio.

— «Santa Virgem! O coração me diz que será hoje o ultimo dia da minha vida, se fôr o primeiro em que tu me não ames.»

Os soluços de um choro suffocado lhe cortaram a falla até que entraram em caza.

Atravessaram silenciosos algumas salas, até que elle tomando-lhe a dianteira, correu com força o reposteiro da porta de uma camara frouxamente illuminada, e ía a fechal-a sobre si, quando a voz suave da mulher murmurou:

— «Devagar, que a pódes accordar.»

A advertencia não foi a tempo, ou não lhe prestaram attenção, porque a porta bateu com força, e uma creança, que estava em um berço, annunciou pelo choro que havia accordado.

Ao lado do berço, velava uma criada, que se levantou assim que a porta se abriu.

O homem, sem reparar em coisa alguma, foi sentar-se em uma cadeira que estava perto do bofete, e deixando cahir a cabeça sobre uma das mãos, fitou os olhos na luz, e com voz sacudida pronunciou estas palavras:

— « Ursula, chegou o momento, que eu receava, ha tanto. »

Ursula não ouviu, porque tinha corrido para o berço, e depois de ter deixado algumas lagrimas sobre o rosto da creança, que sumiu o choro em um sorriso angelical, mandou sahir a aia de sua filha, e vindo ter com o pae, que lhe não quizera ouvir os gemidos, nem ver o rosto, tomou-lhe a mão que elle tinha livre, e disse-lhe:

— « É a primeira vez que te esqueces della. . . vem pedir-lhe perdão.

— « Este esquecimento é um sacrificio, que no meu coração já está completo, e que no teu se deve consumar em breve. »

E neste ponto, levantou-se, mediu a camara com alguns passos incertos, em quanto Ursula, parecendo começar um desses espasmos, que annunciam a loucura, queria tambem andar, mas não tinha forças para isso. Dos labios só lhe sahia esta palavra:

— « Pedro! Pedro! »

O homem com o semblante carregado, continuou assim:

— « Aquella creança de hoje em diante não é nossa. . . em quanto não pertence á Egreja, irá para a companhia de minha tia, a Condessa de. . . que sabe de tudo. »

Ao ouvir tão estranhas palavras, o semblante de Ursula, em vez de exprimir o medo, deu mostras de grande inquietação, e os pés, como que despregando-se do sobrado, a deixaram chegar até perto de Pedro:

— « Que ha de ser de nós se assim perdes a razão!! . . .

— « Eu não te engano — respondeu Pedro cortando esta triste esperança. — É hoje o dia de um grande sacrificio. — Vou cazar, e venho dar-te um noivo. »

Ursula, como uma estatua mal segura, que o vento arroja do pedestal, cahiu no pavimento. A fronte foi dar no livro, que tinha largado das mãos, ao ouvir chorar a filha.

Pedro cruzou os braços, e naquelle instante via mais na sua alma do que em tudo quanto o cercava.

(Concluir-se-ha.)

O Sebastianista.

(Lenda Nacional).

Sr. Redactor.

57 Remetto, para ser publicada no seu acreditado Jornal, essa lenda — O Sebastianista — que o meu orgulho de auctor me faz suppor com algum merito intrinseco.

Aborreço preambulos, porque de ordinario os que tenho visto parecem escriptos de caso pensado para armarem á credulidade publica, fazendo passar por obras de cunho o que de sua natureza nasceu ôcco e enfesado. É-me porém impossivel deixar passar este meu pequeno trabalho, sem algumas observações prévias.

Quando me lembrei escrever esta lenda «O Sebastianista,» procurei de ante-mão possuir os materiaes que eu julgava indispensaveis para a construcção do meu edificio.

Apezar de Deus me não ter allumiado bastante, para me pôr ao nivel dos altos segredos da Seita-Sebastianista, procurei, como profano que era, rastejar-lhe os dogmas e mysterios, ajudado n'esta improba tarefa, pelos escriptos e conselhos dos mais *abalisados prophetas.*

Passei dias inteiros abraçado com o meu Bandarra; e noites mal dormidas, em que se me não tiravam diante dos olhos as amarellas paginas, em que tinham sido depositadas as sagradas inspirações do «Moiro de Granada,» e do «Preto do Japão!»

Por vezes acordava sobresaltado, e posso jurar, '
necessario fôr, que só de novo conciliava o som no
depois de ter lido e relido, com fé viva, e rol sta
crença, as ardentes revelações da «Madre Leoc ia,»
e um livrinho de má catadura, attribuido ulgar-
mente ao «Beato Antonio,» que eu por mim o creio
que com tamanha santidade se occupasse m coisas
d'aquellas.

Já vêem, os que lerem a minha Lend se alguem
a ler, que não passo, nem podia pass , de um hu-
milde traductor do que deixaram es ipto apostolos
de tanta valia. Em quanto á tradu o, foi trabalho
de consciencia! poderia demonstr o em copiosissi-
mas notas, todas textuaes; mas ria-lhe o risco de
afugentar os leitores, receiosos tanta erudição da
minha parte para demonstrar a coisa, que só mui-
ta crença e um atilado estud odem supprir.

Depois d'este raciocinio r gnei-me. É porém su-
perior ás minhas forças de r de declarar aqui que
tenho em meu poder um estado de dois frades ca-
puchos, em que juram Santos Evangelhos, que
estiveram com D. Seb ão na Ilha-Encoberta, no
dia 30 de Julho de 16

Não devem comtu receiar os crentes pela sorte
do Desejado, porque egundo os mesmos frades nos

informam, andava sempre com dois liões por guarda de honra!

Vamos agora a fallar serio. Nada do que vae na Lenda é de improviso ou gratuito: as prophecias servem-lhe de base, e a minha *crença intima* suppriu o resto. A que veio então o preambulo? escrevi-o, porque entendo que se algum merito póde ter o «Sebastianista» é depois de desapparecerem os escrupulos ao leitor sobre a verdade da tradição, base essencial e indispensavel ás composições d'este genero.

Fica-me socegada a consciencia, tendo assim dado a todos os Sebastianistas em geral, e a cada um em particular, uma prova de quanto lhes respeito as crenças.

A quem ficar desconfiando de que escrevi estas linhas pela vaidade de fallar de mim, peço-lhe que pense melhor e mais christãmente; antes de lançar ás costas do proximo um peccado mortal, de que o critico, e não eu, terá de pedir perdão a Deus.

Santa Isabel, 19 de Novembro de 1848.

L. A. Palmeirim.

Que lindas barbas nevadas
Aquelle velho não tem!
Foram nascidas, creadas,
Como não pensa ninguem!
Corta-las! não corta o velho!
São-lhe as barbas um espelho
Da sua crença leal:
Dias e noites á barra,
Consulta no seu Bandarra
A sorte de Portugal!

Consulta! tem fé n'aquillo,
Poz no livro o coração;
Interpreta-lhe o sigillo,
Lê n'elle — Sebastião!
Conhece, soletra o dia,
Em que a velha monarchia
Do sepulchro surgirá.
É propheta! até nos marca
As horas a que o monarcha
D'além-mundo voltará!

D'além-mundo! da batalha
Por milagre s'escapou;
Renegando da mortalha,
Da c'rôa não renegou!
Ha de vir. Nas prophecias
Dos modernos Isaias,
Ha uma que diz assim:
«Se conservarem affinco,
«No anno d'um tres e cinco,
«Espere o povo por mim.

«Quem se atreve a ler as sinas
«D'este meu condão real,
«Soletre nas cinco quinas
«Os fados de Portugal.
«Traduzidas, combinadas,
«Trazem as eras marcadas,
«As eras da redempção:
«Não n'as leiam os profanos,
«Qu'inda tem de passar annos
«Antes d'esta traducção!

«Portugal, nunca vencido,
«Antes sempre vencedor;
«Pelo meu braço, remido,
«Cobrará novo vigor.
«Mais verá, quem tiver vista,
«Seguirem do rei a pista
«Estranhos, novos pendões:
«Das terras d'além do Ganges,
«Avançarem as phalanges
«Dos portuguezes, liões!»

Ai! quem me dera no peito
Ter a fé que muitos tem!
Ás prophecias affeito,
Não n'as cedêra a ninguem!
Fôra-me o peito sacrario,
Onde, como em relicario,
Guardára fé ao meu rei:
Em propheta me elevára,
Como os mais interpretára
Altos segredos da lei!

Fôra-me á Ilha-Encoberta,
(Que muita gente já viu)
Deixára lá por offerta
O que o peito mais sentiu.
Aos que julgam o rei morto
Dera-lhe novo conforto,
Dizendo como o lá vi;
D'olhos pregados na barra,
Buscára, no meu Bandarra,
A crença que já perdi.

«Montado no seu cavallo,
«N'um dia de cerração,
«Quem quizer, póde ir espera-lo,
«El-rei Dom Sebastião.
«N'esta terra, que é tão minha,
«Haverá então rainha
«Governando Portugal.
«Mas quer Deus que haja em Lisboa
«Quem do reino se condoa,
«Dando-me a voz de — Real! —

Se alguem duvida do dia
Aqui lhe ponho os signaes:
Como reza a prophecia,
Como ella reza, não mais.
«Como sagrada vedeta,
«Verás no céu um cometa
«De grandeza colossal:
«Verás tambem com espanto,
«O corpo d'um grande santo
«Em terras de Portugal!

«Andarão todos em guerra
«Por essas terras d'além;
«Nem nas cabanas da serra
«Viverá em paz ninguem.
«Por tres noites, e tres dias,
«Haverão mil agonias

«Que eu aqui lhes não direi:
«Andará tudo de lucto,
«Sem os campos darem fructo,
«Sem ninguem seguir a lei!

«As arv'res, pendendo curvas,
«Seccarão pela raiz:
«As fontes correrão turvas
«Como o propheta nos diz.
«Os peixes, fugindo á sorte,
«Acharão a mesma morte
«Nas turvas ondas do mar:
«Nem o sol será brilhante,
«Nem nos serros, mais distante,
«Brilhará luz do luar!

«Mas passados sete dias,
«E sete noites tambem,
«Lá dizem as prophecias
«Não deve temer ninguem.
«Não deve. Que do nascente,
«Segundo crê muita gente
«Virá vindo a cerração:
«E depois d'ella desfeita
«Surgirá a velha seita
«D'el-rei Dom Sebastião!

«E depois, por muitos annos,
«Viverá o bom do rei;
«Ensinando a nós profanos
«A crermos na sua lei.
«Tudo então será festejo,
«Parece que já o vejo
«Moço ainda a governar;
«Sem d'Alcacer ter saudade,
«Nem mesmo sequer vontade
«De novo por lá voltar.»

Até lá tem muita gente
De espreitar a occasião,
Em que volte diligente
El-rei Dom Sebastião.
Os signaes já tem chegado,
Em que o moço Desejado
Cumpra a palavra real;
Em que se apresse de novo
A festejar o seu povo
Em terras de Portugal!

L. A. Palmeirim.

Demonstração sobre a originalidade do alto-relevo, que decora o frontão do Theatro de D. Maria II.

58 Escreveu o Sr. *Abbade Castro* em o n.º 47 da Revista Universal Lisbonense um pequeno artigo ácerca de *Antonio Raphael Mengs*, e n'elle, entre varias coisas, diz o seguinte: «No theatro *denominado* de D. Maria II, ... o frontão do portico, o seu *pensamento* foi, sem duvida alguma, *copiado* de um quadro, que representa *Apollo e as Musas*, pintura do referido *Antonio Raphael Mengs*, de cujo quadro ha uma estampa feita pelo gravador *Rafael Morghen*, que alguns *curiosos* d'esta capital possuem. Logo não é *invenção*, como vulgarmente se tem dito e acreditado!»

A esta affirmativa tão graciosa responderiam bem o silencio e a indifferença de nossa parte; porém considerando que uma tal asserção poderia ser acreditada por pessoas pouco versadas em pontos de Bellas-Artes, e que o silencio, aliás tão recommendado pela prudencia, e pelas regras da verdadeira critica, poderia attribuir-se a fraqueza nossa, com desar do Estabelecimento a que pertencemos, e menos attenção ao Governo de S. Magestade, que em Portaria do Ministerio do Reino, de 30 de Abril de 1844, nos encarregára de accordarmos entre nós e fazermos o desenho definitivo das estatuas, e mais adornos com que devia ser decorada a frente do dito theatro, — assentámos que não nos era licito ficarmos indifferentes e silenciosos, quando mais nos sobejavam meios de poder desfazer tão grave e infundada accusação. E posto que tivessemos larga noticia de Antonio Rafael Mengs, não só como artista distincto, mas tambem como escriptor publico, qualidades que lhe mereceram o titulo de *pictor philosophus*, não conheciamos comtudo alguma gravura que *Morghen* fizesse de quadro algum representando *Apollo e as Musas*, que tivesse a mais leve semelhança com o pensamento e composição do referido frontão.

N'este proposito e convicção dirigimos ao Sr. Redactor da Revista a carta que appareceu em o n.º 48 d'este Jornal, sob o titulo — Frontão do theatro de D. Maria II, — rogando por ella ao Sr. *Abbade Castro* se dignasse de nos indicar o possuidor de alguma das referidas estampas, para que, em vista d'ella e do desenho do frontão, se podesse liquidar a verdade do que S. S.ª asseverára, na certeza de que, não respondendo convenientemente a tão justa exigencia, nós declaravamos destituida de fundamento aquella asserção. — Annuindo S. S.ª á nossa pretenção, mandou com toda a franqueza apresentar no escriptorio do mesmo Jornal a estampa exigida, onde a fomos ver e cotejar com o desenho do frontão do sobredito theatro.

Se fosse possivel que uma pessoa aventurasse aquella affirmativa sem ter visto nem a estampa de *Morghen*, nem o alto-relevo do frontão do theatro de D. Maria II, nós nos persuadiriamos de que o Sr. *Abbade Castro* effectivamente os não víra; porque ao vermos e cotejarmos as duas obras entre si, não só não podemos achar fundamento justo á censura, mas assentâmos achar fortes e inquestionaveis argumentos de uma inteira e muito notavel dissimilhança, assim no tocante á *invenção poetica*, como no que diz respeito á *composição graphica* das mesmas obras.

No Parnaso de *Mengs* está Apollo em pé com a laureola na mão direita em attitude de coroar o *Merecimento*, tendo junto de si, sentada em uma cadeira, a figura da *Memoria*, mãe das nove Musas, que apparecem quasi todas de pé em differentes posições, devendo notar-se que o pintor allemão foi o primeiro artista que representou a *Memoria* no Parnaso. — Em o frontão do novo theatro apparece Apollo sentado, tocando a lyra, presidindo e regendo o côro das Musas, sete das quaes occupam o tympano com o genio de Amor, e as duas que representam a Co-

media e a Tragedia ficam sobrepostas nos angulos extremos do dito frontão. Lá é Apollo remunerador do merecimento; aqui é Apollo regendo e dirigindo o côro das Musas. Logo é inteiramente diverso o pensamento, e muito diverso o momento e escolha da acção.

A *composição graphica* de uma e outra obra offerece disparidades tão notaveis, que, para as comprovar, bastará simplesmente observar-se a differença que se dá entre um painel livremente concebido e pintado n'uma superficie em figura de parallelogrammo, e a fórma obrigada do triangulo isosceles do frontão, em que se acham tres Musas sentadas, duas de joelhos, e duas deitadas, *grupadas* em attitudes muito diversas da composição de *Mengs*. Logo é tambem differente e muito differente a composição do alto-relevo do theatro de D. Maria II.

Quando consideramos na infundada asserção do Sr. *Abbade Castro*, não podemos deixar de estranhar a facilidade com que S. S.ª a publicou. Concluir que uma qualquer composição é copiada de outra, fundando-se unicamente na identidade do sujeito, é um erro tão capital, que salta aos olhos das pessoas menos versadas em materias litterarias e artisticas. — *Raphael d'Urbino*, *Julio Romano*, *Eustaquio Le Sener*, *Mantegna*, e outros pintores famosos empregaram os seus pinceis n'este mesmo assumpto; mas que distinctos são os seus pensamentos, e que differentes e variadas são as suas bellas composições!...—Temos á vista algumas estampas d'estas obras, que provam quão differentes e varios são os pensamentos dos authores, ainda tractando do mesmo sujeito; mas porque elles representaram todos *Apollo e as Musas*, recorreremos logo ao enthymema do Sr. Castro, concluindo que se *copiaram os pensamentos* uns dos outros?—Se dos exemplos mythologicos passamos aos da Historia Santa, que valentes e claros argumentos não podemos nós produzir para confirmar esta verdade? Como se poderá demonstrar, por exemplo, que *Leonardo de Vinci*, *Raphael d'Urbino*, *Pompeo Batoni*, tractando todos de representar a *Cea de Jesu Christo*, se *copiaram os pensamentos* uns dos outros, porque todos estes auctores figuraram o Divino Mestre sentado á Mesa com os seus doze Apostolos? Se alguem sonhar que os *pensamentos* d'estes quadros tão celebrados são *copiados* uns dos outros, poderá recorrer ás muito conhecidas estampas da Cea, de *Vinci*, gravadas por *Morghen*, ou *Rainaldi*, á de Raphael, que vem na collecção das lojas do Vaticano, e ao quadro de *Batoni*, que está na Basilica do Santissimo Coração de Jesus.

Muito poderiamos dizer sobre este objecto, se não julgassemos que muito menos era preciso para nos defendermos da injusta accusação que nos foi feita.

Mas a que fim e com que intento escreveu e publicou S. S.ª aquelle artigo sobre *Antonio Raphael Mengs?* Seria para nos dar a conhecer o artista insigne? Por certo não; porque pouco, e bem pouco, é o que d'elle escreveu. Seria para nos dizer que o *pensamento* do frontão *fóra copiado* de um quadro de *Mengs*, gravado por *Morghen?* Assim parece. Mas com que fundamento e com que provas confirmou a sua asserção? Quiz confirma-la, apresentando uma estampa com a qual se prova claramente que o pensamento e composição do frontão é em tudo dissimilhante do quadro de *Morghen*. Se o auctor do artigo fosse estrangeiro a Portugal, não nos admiraria a sua affirmativa, mas sendo portuguez só nos cabe dizer que se enganou como homem. Se conhecer o erro, poderá emenda-lo; mas se persistir em seu errado juizo, nem mais lhe responderemos, nem haveremos remorso algum de ter defendido a verdade, e mostrado ao publico a injustiça de tal censura.—Deixamos por ultimo aos metaphysicos o pequeno cuidado de determinarem o valor e differenças das entidades expressas pelos termos—*pensamento copiado*, *idéa geral*, e *imitação feliz*—empregados todos pelo auctor do artigo para significarem a mesma coisa, isto é, a invenção e composição do frontão do sobredito theatro.

Lisboa, 20 de Novembro de 1848.

Francisco de Assis Rodrigues.
Antonio Manuel da Fonseca.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

18 a 24 de novembro.

Diario n.º 274.

59 Decreto nomeando uma commissão para propôr os meios de converter em hospital regular de alienados o edificio de Rilhafolles, e os diversos regulamentos que lhe parecer convenientes ao serviço clinico e administrativo do mesmo hospital.

Dito n.º 275.

Decreto nomeando uma commissão para propôr uma lei que proveja á dotação geral do clero portuguez.

Dito n.º 276.

Portaria revogando a ultima clausula da Portaria de 30 de Outubro de 1847, que mandava rectificar a avaliação dos proprios das parochias e seus benesses.

Aviso da Secretaria da Marinha, annunciando a construcção de um caes na Villa da Praia, da Ilha de Santiago, por arrematação.

Dito n.º 277.

Ministerio dos Negocios do Reino.—Segunda Repartição.—Segunda Direcção.—Para conhecimento do Corpo do Commercio se fazem publicos os seguintes paragraphos de um officio do Consul Geral de Portugal em Genova, datado de 26 de Outubro ultimo.

«*Alfarroba.*—Entre os productos agricolas do Rei-«no de Portugal o que figura especialmente n'este «mercado é a alfarroba do Algarve, cuja importação «tem sido de alguma consideração n'estes ultimos «annos, e no corrente já entraram n'este porto, vin-«das de Tavira e Faro, doze embarcações, sendo dez

«sardas, e duas portuguezas, com 22,399 quintaes «portuguezes, iguaes a 26,878 quintaes de Genova. *

«O preço medio por que este genero se tem ven-«dido no presente anno, frete, despezas com que vem orçado, é o seguinte:

«Preço medio, n'este anno, $4\frac{1}{4}$ fran-«cos por cada quintal de Genova. . lib.		120,951,00
«Frete a lib. 1,20 cen-«tessimos por cada quintal «portuguez. . . . . lib.	26,878,80	
«Despezas de commissão, «corretagem, peso, etc. 5 «por cento . . . . lib.	6,047,00	32,925,80
Liquido lib.		88,025,20
«A cambio da Praça de Fr. 5,60 por «1$000 rs. . . . . R.s		15:718$785

Liquido producto por cada arroba de Portugal «175 réis.

Amendoa.—A amendoa do Algarve tem n'este mer-«cado muita acceitação, porém não póde fazer con-«currencia com a que vem da Sicilia, por ser esta «muito mais barata; poder-se-hia comtudo dar mais «extensão a este mercado se os preços podessem «competir.

«As outras fructas sêccas, como passas e figos, «pelas experiencias feitas não podem convir, sendo «seus preços muito subidos, comparados com os da «Hespanha e Sicilia, que fornecem estes artigos, e «dos quaes ha um consumo vivo em todo o conti-«nente da Italia.

«*Sardinha.*—A sardinha salgada em barricas, de «que se faz immenso consumo no inverno, na Lom-«bardia e Estados Toscanos e Pontificios, tem boa «sahida aqui, e é preferida á da Grã-Bretanha e Gal-«liza; acontece porém que a de Portugal chega aqui «muito tarde, talvez por ser a pescaria mais tardia, «e quando o mercado se acha bem abastecido: a «epocha mais propria para a sua venda é nos mezes «de Outubro, Novembro e Dezembro; em chegando «mais tarde é fazenda perdida.

«Ha outra qualidade de sardinha mais pequena, e «de sabor mais delicado, chamada *anchova*, que em «Portugal se esperdiça, e que seria de muito inte-«resse aproveita-la, mandando-a preparar como na «Sicilia; e já tambem principiam em Hespanha em «salmoira, arrancando-lhe a cabeça, e em barris de «tres e meia a quatro arrobas cada um: persuado-«me de que se o peixe fosse escolhido e grosso, acha-«ria bastante consumo aqui, como o da Sicilia, Ilha «Gorgona, e mais pescarias do Mediterraneo.

«*Atum*—O mesmo aconteceria ao *atum* se fosse «preparado, como na Ilha de Sardenha, em azeite, «o que seria facillimo mandando-se ir para o Algar-«ve, na epocha da pescaria, homens praticos n'este «trafico.

«*Bacalháu.*—O bacalháu tambem teria grande sa-«hida; a maior parte do importado é das pescarias «francezas.

«*Cêra.*—A cêra do Reino é um artigo que me-«rece toda a attenção para se animar a cultura, sen-«do a sua qualidade preferida aqui como nos mais «mercados da Italia, e tem um consumo activo para «as egrejas. A de Angola tambem tem boa acceitação.

«*Producções africanas.*—Nas producções africa-«nas, além da cêra, bastante sahida tem aqui os den-«tes de elefante, gommas, e oleo de mamona, que é «o purgativo mais usual n'estes paizes.»

* O quintal de Genova compõe-se de 100 rotolos, ou 150 arrateis, e tres e um terço arrobas portuguezas. Vende-se no Porto-franco como os mais generos, por isso os direitos vão a cargo do comprador.

Cholera.

60 Até 16 do corrente a Cholera atacou em Londres, suburbios, nas provincias, e na Escossia 1,071 pessoas, das quaes morreram 544, curaram-se 178, e ficaram em tractamento 349.

A estatistica official do dia 16 dava em Londres 8 casos novos, e 6 mortes. Na Escossia 29 casos, 13 mortes, sendo o total 37 casos novos, 14 mortes e 5 curas radicaes.

Em S. Petersburgo diminue.

Em Berlim até 5 tinham sido atacadas 2,365 pessoas, como se lê no *Zeintung'Halle*, mas como neste dia houve 2 casos novos, o numero dos atacados se eleva a 2,367, dos quaes morreram 1,522, foram curados 688, e estão em tractamento 157.

A noticia do apparecimento do Cholera em Dunkerque não se póde por em quanto julgar absolutamente veridica.

Festa de Santa Cecilia.

61 A Festa de Santa Cecilia, padroeira dos Musicos effectuou-se no dia 22 do corrente, na Egreja de N. Senhora dos Martyres.

Assistiram SS. MM. a Rainha e Elrei, e um numeroso concurso de pessoas de todas as jerarchias.

A funcção foi esplendida como sempre. O grande coreto, que se eleva até ao coro da Egreja, continha perto de 150 instrumentistas e cantores, e entre os ultimos estavam muitas senhoras.

A missa que se executou é composição do eximio professor Francisco Xavier Migone, Director da Eschola de Musica do Conservatorio Real, e Mestre do Theatro de S. Carlos. É uma producção que honra sobre maneira o seu autor.

As peças concertantes na *Gloria* foram cantadas—o *Laudamus*, solo de tenor, pelo Sr. Baldanza—*Domine Deus*, terceto de soprano, tenor e baixo pela Exm.ª Sr.ª D. Francisca Romana Martins, João Carrion e Theodoro Francisco Coelho—*Qui sedes* e *Quoniam*, duetto de soprano e tenor, pela Exm.ª Sr.ª D. Emilia Pereira dos Santos, e Volpini.

O *Credo* se tanto é possivel ainda sobresahe á *Gloria*. O quarteto *Benedictus* foi executado pela Exm.ª Sr.ª D. Emilia Santos, Benavente, Costa, e Theodoro.

No dia 2 do proximo mez de Dezembro, ha de celebrar-se o officio pelas almas dos irmãos finados; é o muito conhecido, porém sempre admirado, de *David Peres*.

Ouvimos que o Sr. Migone tenciona empregar o seu talento artistico, compondo um novo para o anno.

COMMERCIO.

62

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 23 DE NOVEMBRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	8:090	400 a 520
Cevada	2:234	220 a 240
Milho	788	320 a 360

— Cereaes em 15 de Novembro.

Trigo do reino rijo	de	320	a	400	réis a	bordo.
» » molle	de	400	a	450	»	»
» da ilha	de	340	a	380	»	»
Milho do reino	de	280	a	285	»	»
» da ilha	Não ha					
Cevada do reino	de	170	a	180	»	»
» da ilha	de	160	a	170	»	»
Centeio do reino	de	200	a	220	»	»

Os trigos teem apparencia de declinar, e pequenas vendas d'este genero se fizeram n'esta semana.

O milho teve comprador ao preço cotado, para exportação.

Os preços de Cork — lib. 8—15 a 9 lib. por tonellada.

— Na praça de Londres, foram, em 16 de Novembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		188		Por 100.
Consolidados	3 p. %	86½	86⅝	»
Redusidos	3 »	85¼	85½	»
Fundos	3¼ »	85¾	86	»
Exchequer bills		38	41 março	Premio.
		36	39 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	70	72	Por 100.
Brasileiros	5 »	72	74	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	11¼	11¾	»
Ditos	3 »	23¼	23½	»
Hollandezes	5 »	69½	70½	»
Ditos	2 »	45½	46	»
Mexicanos	5 »	21	21½	»
Portuguezes	4 »	23½	24½	»
Ditos consolid. 1841	—	22½	23½	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	98	100	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		51⅞	52		Por 1$000 rs.
Porto		52	52¼		»
Rio de Janeiro		23	23½		»
Bahia		—	—		—
Amsterdam	12	12½	12¾		£
Hamburgo	13	11½	12		»
Paris	25	50	52½		»
Genova	26	10	26	15	£
Trieste	11	15	11	25	»
Vienna	11	10	11	15	»
Madrid	47	47¼			Peze.
Cadiz	48	48¼			»
Calcutta	21				Rs.
Bombaim		21½			»
Madras		21			»

— Generos em Londres em 16 de Novembro.

Algodão de Pernambuco	4¾	5¼	£	Mais firme.
» do Maranhão	4	5	»	
» da Machina	3⅜	4¼	»	
» da Bahia	4¾	5¼	»	
Assucar branco	37	42	»	Dito.
» mascavado	31	37	»	
Arroz do Brasil	8	13	»	Dito.
» da India	8	13	»	
» de Java	8	13	»	
Café do Brasil	24	29	»	Froixo.
» » lavado	30	48	»	
Cacáo »	29	30	»	
Couros seccos do Rio Grande	3	6	»	
» salgados »	2	3	»	

METAES PRECIOSOS.

Oiro, em barra, marcado	77/9		Por onça.
Portuguez em moeda	77/5		»
D.º em d.ª nova e do Brazil	77/1		»
Onças hispanholas	74/6		»
» Patrias	73/6		»
Prata em barra, marcado	4/11	½	»
Patacas das Republicas	4/9	¾	»
Columnares	4/9	½	»

Praça de Lisboa 29 de Novembro. — As transacções da presente semana foram, pela maior parte, feitas com Fundos Publicos e Acções do Banco de Portugal, de que resultou a alta no preço destes papeis de credito, subindo as Inscripções de 5 por cento de 45 a 48 com o juro recebido, e as Acções do Banco de 480$000 réis subiram a 500$000 réis. Por estas cotações se tem realisado algumas vendas. Acções do Fundo de Amortisação, não sendo quantia inferior a 50$000 réis a 46, preço frouxo. Superiores a esta quantia venderam-se no mercado de 53 a 55. Agio das Notas do Banco de Lisboa de 24 a 29 de Novembro por moeda, compra 1,930 réis, venda 1,900 réis.

Correspondencias.

63 *Coimbra, 26 de Novembro.* — Os preços dos cereaes, que tanto interessam a Revista, são hoje os seguintes. Trigo por alqueire 340 réis, Milho 320, Cevada 140, Centeio 240, Azeite 1$160.

Porto 25 de Novembro. — Foi muito bem recebida nesta cidade, a noticia de se ter descuberto a fabrica de moeda falsa, que existia estabelecida na Fabrica de Sinos da rua das Aguas na cidade de Braga. — Os objectos apprehendidos provam que o fabrico se fazia em ponto grande, e talvez que d'ahi proviessem os soberanos falsos de que a Revista deu noticia ha tempos. As auctoridades competentes merecem louvor por este achado; mas estou que se continuarem

as suas averiguações com o mesmo zelo não ha de ser o unico.

Na feira os cereaes regularam: — Trigo da terra 600 a 700 réis; das Ilhas 480 a 520; Milho 340 a 350; Cevada 240 a 260.

Morreu o negociante desta Praça D. Felix Torres Moreno.

O rio Douro recebeu mais uma barca construida nos laboriosos estaleiros desta cidade. Foi construida afim de navegar para o Rio de Janeiro: chama-se *Almirante Cabo Verde*, e pertence ao Sr. A. J. Alves Salgado. Está mui bem construida, é toda de madeira de carvalho, e forrada de cobre. Faz honra ao seu constructor o Sr. Custodio Martins da Costa.

O tempo tem estado muito mau, e a entrada da barra arriscada.

Desconto de Notas 39 a 40 por cento.

S. Miguel, 10 *de Nevembro*. — O outono corre tempestuoso; as chuvas são continuadas e copiosas. As enchéntes vão causando muitos estragos. Na Villa da Ribeira Grande não será exagerado calcular que estes montam em mais de 20 contos de réis.

Madrid, 20 *de Novembro*. — Tem-me esquecido de lhe participar que o governo decretou em data de 4 de Setembro ultimo: qne as machinas completas de fiar, as de tecer pannos, e as que são necessarias para a sua inteira preparação, pagarão, conforme o navio que as trouxer, 1 ou 3 por cento do seu valor.

París, 15 *de Novembro*. — O commercio continua um pouco estacionario, o que não é de admirar, se levarmos em linha de conta a estação invernosa, a peior de todas para o negociante. Comtudo a nossa actividade faz com que os negocios não vão tão mal como era de esperar.

Os objectos tecidos e fiados de Ruão acham-se em apathia; trabalha-se alguma coisa, mas tem havido poucas encommendas.

Os *panninhos* são raros, e muito procurados ha algum tempo para cá.

Ao Havre acaba de chegar um navio com uma importante carregação de cobre e chumbo.

Desde que as fazendas de seda gozam de um direito protector de exportação, tem sahido pela alfandega de Lião para os paizes estrangeiros o valor de 24 milhões e 500 mil francos.

As forjas de S. Dizier trabalham com actividade, bem como as fabricas de fiação de algodão de Mulhouse.

As lãs n'esta cidade é que teem tido uma leve depreciação.

Durante a ultima semana existiam no Havre 34 mil ballas de algodão, havendo sido a venda na mesma de 5 a 6 mil ballas.

O commercio dos trigos em París vae-se reanimando. As vendas de cevada teem sido consideraveis.

O governo acaba de permittir ás fabricas de armas de guerra de Saint Etienne a exportação de 67 mil armas.

Recebemos aqui noticia que o governo da Sicilia acaba de modificar alguns direitos de varias mercadorias.

O papel é reduzido de 10 ducados a 1 ducado.

O direito de 14 ducados de vidro de vidraças é reduzido a 4 ducados.

O direito de carvão, em vez de 2 ducados por tonellada, paga agora a quarta parte.

O direito de navegação dos navios carregados de carvão é reduzido á quarta parte.

A importação de cavallos e eguas é permittida mediante o direito de 6$400 réis por cabeça.

Por cada boi ou vacca que entrar se pagará o direito de 1$280 réis.

A exportação dos cereaes da ilha é livre de direitos, e a importação de cereaes estrangeiros pagará um sexto menos do que paga actualmente.

Os fundos ficam do seguinte modo:

3	por cento	42	francos	30	centimos
4	»	50	»	50	»
5	»	64	»	60	»
5	novo emprestimo	64	»	75	»
Acções do Banco		1.252	»	52	»

Londres, 17 *de Novembro*. — O mercado do assucar tem estado paralisado, o que procede em parte de acabar-se a estação das remessas para S. Petersburco; é sabido o quanto o inverno influe nas transacções com o Norte. Accrescem outras rasões; por exemplo, a diminuação da sahida das lãs fiadas de Manchester é uma consequencia das noticias desfavoraveis da Prussia, tendo suspendido os negociantes alemães as suas encommendas. Sabemos de Liverpool em 16 que os preços do algodão estavam firmes.

O mercado dos cereaes não tem soffrido variações importantes; e pouco tem chegado de fóra.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.
Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros..............	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos.......	2$400 »

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

Ao Sr. Dr. Beirão agradecemos o haver permittido que a sua assignatura honrasse este Jornal em um artigo seu, que pára em nosso poder.

Agradecemos a carta do Sr. Conselheiro Campelo. O nosso coração, mais do que as nossas palavras, exprime o quanto comprehendemos a sua carta.

Recebemos a carta do Sr. Antonio Marcellino Carrilho Bello: muito estimamos as noticias que nos communicou, e desejamos que nos participe as que nos prommette, e que muito nos interessam.

Rogâmos ás pessoas que nas Provincias se teem dignado tomar o encargo de nossos correspondentes, que nos desculpem de ainda directa e particularmente lhes não termos agradecido esse favor; mas o trabalho, que exige o começo de uma empreza, nos tem impedido de cumprir um dever que não ha de ser esquecido.